



PEÇA DO BIMESTRE
VESTIDOS DE NOIVA

janeiro | fevereiro 2013

O ritual do casamento assinala a passagem à vida adulta. Em tempos passados, casar tinha diferentes significados consoante o género dos nubentes. No caso da mulher traduzia-se na saída da alçada do pai diretamente para a tutela do marido, a quem deveria, legalmente, *reverência marital*. Todavia, até finais do século XIX não existia o hábito, tanto em Portugal como em Espanha, da mulher adotar o sobrenome do marido. As elites portuguesas iniciaram este costume por imitação de outros países europeus, prática que, no início do século XX, é copiada também pela burguesia rural.

Como seria de supor, a coabitação de homem e mulher só era admissível depois de unidos por este sacramento, sem o qual os filhos do casal seriam, para todos os efeitos e aos olhos da lei, ilegítimos.

Para a grande maioria da população - trabalhadores rurais -, a escolha da data do casamento estava inteiramente relacionada com o calendário agrícola. Também em Coruche tal acontecia. Era pois, tradicionalmente por alturas da feira de S. Miguel, no fim de Setembro, quando já haviam terminado as colheitas, que os casais tinham tempo livre (e também alguma disponibilidade financeira) para casar.

O vestido que por ora se expõe foi usado por Antónia Caetana aquando do seu casamento com Guilherme Brás. Casaram na década de 30 do século XX, em Santa Justa, de onde eram naturais. Neste dia, a noiva usou igualmente as meias e os sapatos aqui expostos. Quanto ao véu, era prática corrente o aluguer do mesmo, visto o tule ser muito dispendioso.

Doação ao Museu por Nuno Canejo Virgílio.